



ELEIÇÕES

Ala do PSDB manobra para implodir 3ª via

Após a desistência de Doria, grupo volta à carga por candidatura própria e coloca em risco acordo firmado com MDB e Cidadania em apoio a Simone Tebet. Ante o impasse, Comissão Executiva tucana adia reunião que ocorreria hoje

» VINICIUS DORIA

O ex-governador paulista João Doria jogou a toalha e não será mais o candidato do PSDB à Presidência da República. A decisão foi acertada no domingo, em uma conversa reservada com o presidente do partido, Bruno Araújo, e o atual gestor de São Paulo, Rodrigo Garcia. Ontem, foi feito o anúncio, com a presença dos líderes na Câmara, Adolfo Viana (BA), e no Senado, Izalci Lucas (DF), na capital paulista.

O fim da novela em que se transformou a disputa entre o agora ex-pré-candidato e a cúpula do partido (leia reportagem na página ao lado) deveria desobstruir o acordo já firmado para confirmar a senadora Simone Tebet (MDB-MS) como candidata do autodenominado centro democrático, o consórcio entre tucanos, MDB e Cidadania. Mas, no fim da tarde, soou o sinal de alerta de que ainda há arestas a serem aparadas na terceira via.

O PSDB decidiu adiar a reunião da Comissão Executiva, marcada para hoje, que formalizaria a coligação. O partido convocou uma nova reunião para 2 de junho, com a presença das bancadas da sigla na Câmara e no Senado. O líder entre os deputados, Adolfo Viana, informou que o encontro de hoje seria inócuo. "Seria uma reunião com a presença do ex-governador João Doria, na qual trataríamos das deliberações do encontro que tivemos com o Cidadania e o MDB", declarou, por meio de nota.

Porém, o **Correio** apurou que o adiamento foi pedido por integrantes da própria bancada parlamentar tucana, que querem algum tempo para retomar a discussão sobre a possibilidade de não integrar a terceira via e lançar outro nome do partido à sucessão presidencial. Essa posição é defendida por uma ala da legenda que tem como porta-voz não oficial o deputado federal Aécio Neves (MG).

Partiu do mineiro a acusação de que Bruno Araújo e Rodrigo Garcia foram os artefices da "traição" que ajudou a inviabilizar o nome de Doria. Aécio não quer o PSDB a reboque do MDB em uma chapa unificada e continua defendendo candidatura própria, desde que não seja com o ex-governador.

"Não acho que uma aliança com outro partido, neste momento, seja o melhor caminho para o PSDB. Temos dúvidas da força que essa candidatura (de Tebet) possa ter dentro do MDB", declarou.

Edilson Rodrigues/Agência Senado



O MDB manteve para hoje a reunião da Comissão Executiva do partido voltada à aprovação da pré-candidatura de Simone Tebet

Gustavo Mansur/Palácio Piratini



Integrantes do PSDB querem o ex-governador Eduardo Leite ou o senador Tasso Jereissati para encabeçar a chapa própria do partido

"Defendi outra candidatura nas prévias e, agora, com a desistência do ex-governador de São Paulo, abre-se espaço, a meu ver, para que o PSDB defina outro nome."

O movimento de Aécio não é majoritário dentro da sigla, mas tem potencial para embaralhar ainda mais o xadrez político de montagem da terceira via.

Bruno Araújo usou o Twitter para reprovar a atitude da ala da legenda. "O PSDB tem um acordo político em torno de uma candidatura única (PSDB/Cidadania/MDB). Qualquer outra discussão é um desserviço à verdade dos fatos, desrespeito às reiteradas decisões coletivas

e, mais grave, ao país", escreveu.

Para o senador Izalci Lucas (DF), a retomada da discussão em torno de uma candidatura própria "não faz sentido". Ele não tem dúvida de que o PSDB vai integrar a terceira via e que, agora, o esforço é para conquistar novos aliados. "Se houvesse uma candidatura única, seria a do Doria, que venceu as prévias. Esse assunto não faz sentido", disse ao **Correio**.

Vaga de vice

O MDB manteve para hoje a reunião da Comissão Executiva do partido para aprovar a pré-candidatura de Tebet, mas

Edilson Rodrigues/Agência Senado



o Cidadania não confirmou se adiará o seu encontro, também agendada para esta terça-feira. A legenda está federada com o PSDB e, por força da legislação eleitoral, tem de seguir os passos do aliado.

"O que posso dizer é que nós vamos ter uma candidatura única da chamada terceira via", disse o presidente do Cidadania, Roberto Freire, na semana passada, sinalizando o apoio a Tebet, após receber os resultados da pesquisa interna que apontaram a senadora como o nome com mais condições de atrair votos do chamado eleitor nem-nem — o que não votam no presidente Jair Bolsonaro

(PL) nem no ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Paralelamente, ainda há a negociação em torno do nome que o PSDB poderá apresentar como vice na chapa encabeçada pelo MDB, caso a opção pela terceira via vingue. Doria não foi descartado, mas os caciques tucanos levarão em conta interesses locais, como os acordos para as eleições a governador, senador e deputados federais. Com isso, Tasso Jereissati e Eduardo Leite voltam ao palco e terão seus nomes submetidos à avaliação dos demais sócios da coligação da terceira via, caso os tucanos mantenham a decisão de integrar o consórcio.



Defendi outra candidatura nas prévias e, agora, com a desistência do ex-governador de São Paulo, abre-se espaço, a meu ver, para que o PSDB defina outro nome"

Aécio Neves
(PSDB-MG), deputado



O PSDB tem um acordo político em torno de uma candidatura única (PSDB/Cidadania/MDB). Qualquer outra discussão é um desserviço à verdade dos fatos, desrespeito às reiteradas decisões coletivas e, mais grave, ao país"

Bruno Araújo,
presidente do PSDB



Se houvesse uma candidatura única, seria a do Doria, que venceu as prévias. Esse assunto não faz sentido"

Izalci Lucas
(PSDB-DF), senador

Análise da notícia

Capítulo melancólico de uma crônica ainda incerta

Mais do que o poder em si, a política vive da expectativa de poder. E João Doria não tinha mais o que oferecer ao PSDB e aos aliados da terceira via além de sua própria candidatura de que seria um candidato competitivo nas eleições presidenciais. A desistência do pré-candidato tucano, em que pese a legitimidade conquistada nas prévias do partido, foi o desfe-

cho melancólico da crônica do poder perdido. Doria já estava fora, faltava apenas admitir. Foi isso que ele fez ontem.

Um dia, a ciência social estudará o caso da ascensão e queda de um fenômeno da política brasileira. Em uma carreira meteórica, venceu duas eleições em seis anos, para a prefeitura de São Paulo e ao governo do estado. Mas, agora, como diz a

famosa saudação francesa às sucessões monárquicas, "o rei morreu, viva o rei!". No caso, viva a rainha, a senadora Simone Tebet, sobre cuja cabeça deverá ser consagrada a coroa da terceira via, na união dos reinos do MDB, PSDB e Cidadania, se as articulações de Aécio Neves e companhia não prosperarem no sentido de melar o jogo novamente e retomar o debate em torno da candidatura própria.

Internamente, a saída do ex-governador paulista desobstruiu as articulações regionais para montagem dos palanques nos estados.

O temor de naufrágio da pré-candidatura tucana estava afastando possíveis aliados, uma preocupação que foi explicitada na reunião da Comissão Executiva da semana passada pelos pré-candidatos a governador do partido. No centro dessa discussão está o estado do São Paulo, cuja hegemonia tucana se mostra em perigo.

O atual governador, Rodrigo Garcia — neotucano egresso do DEM que sucedeu Doria no Palácio dos Bandeirantes após a desincompatibilização do então gestor —, patina nas pesquisas. Para o grupo que apoia Garcia,

a rejeição do eleitorado a Doria, captada nas pesquisas de opinião, poderia pôr a perder a joia da coroa tucana, o governo do mais rico e importante estado do país.

A novela em que se transformou o processo de fritura do ex-governador paulista ganhou um desfecho, mas está longe de decretar ponto final à história. Pela quantidade de perguntas sem respostas (ainda), previa-se que uma nova temporada já estivesse programada para começar hoje, em Brasília, quando as comissões executivas dos três partidos anuncia-

riam, com pompa e solenidade, a aprovação do nome de Tebet para encabeçar a chapa da terceira via. Só que não. O PSDB adiou a sua própria decisão, atendendo à pressão da ala 'aécista' que quer emplacar uma candidatura própria e devolve à mesa de jogo as cartas de Tasso Jereissati e Eduardo Leite.

A única certeza nesse enredo sem fim é que Doria deixa de ser vidraça e transfere para a cúpula do PSDB a responsabilidade sobre o fracasso ou o sucesso das candidaturas apoiadas pelos tucanos. Mas isso é outra história. (VD)